

Teorias da Aprendizagem



Autora
Valéria da Hora Bessa



Inteligência Educacional
e Sistemas de Ensino

B557t Bessa, Valéria da Hora.
Teorias da Aprendizagem./Valéria da Hora Bessa. — Curitiba:
IESDE Brasil S.A., 2008.
204 p.

ISBN: 85-7638-365-9

1. Educação. 2. Psicologia da aprendizagem. 3. Aprendizagem. 4. Aquisição de conhecimentos. 5. Professores-Formação – Estudo Programado. I. Título.

CDD 153.15



Inteligência Educacional
e Sistemas de Ensino

Todos os direitos reservados

IESDE Brasil S.A.

Al. Dr. Carlos de Carvalho, 1.482 • Batel

80730-200 • Curitiba • PR

www.iesde.com.br

Sumário

Apresentação.....	7
A aprendizagem e o processo de aprender.....	9
Como ocorre a aprendizagem?.....	10
Teorias inatistas, ambientalistas, interacionistas e sociointeracionistas.....	12
Teorias da aprendizagem.....	13
Educação e aprendizagem.....	14
As políticas educacionais e as práticas pedagógicas liberais.....	17
Um pouco de História da Educação.....	17
As práticas pedagógicas liberais.....	24
A escola e as práticas pedagógicas renovadas.....	27
A transição de um modelo tradicional para um modelo renovado de educação.....	27
A Pedagogia da Escola Nova.....	28
O Movimento dos Pioneiros da Educação Renovada.....	29
A escola e as práticas pedagógicas progressistas.....	35
Práticas progressistas.....	35
Correntes da Pedagogia Progressista.....	35
As dificuldades de implantação da Pedagogia Progressista.....	38
A teoria de Jean Piaget.....	43
História pessoal.....	43
A Epistemologia Genética.....	43
Os estágios de desenvolvimento.....	46
A contribuição de Piaget para a Pedagogia.....	47
O desenvolvimento social e a construção do juízo moral.....	51
O desenvolvimento social da criança.....	51
O papel da escola e da família.....	52
A atividade lúdica e a aprendizagem.....	53
A teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento.....	57
História pessoal de Lev Vygotsky.....	57
O conceito de mediação.....	61
Aprendizagem e desenvolvimento.....	61
A teoria sócio-histórico-cultural no espaço escolar.....	63
A teoria de Vygotsky: pensamento e linguagem.....	65
A importância do estudo das idéias de Vygotsky.....	65
A relação pensamento–linguagem.....	66
A fala e o uso de instrumentos.....	68
Interação entre aprendizado e desenvolvimento.....	70
O papel do professor no desenvolvimento do pensamento e da linguagem.....	71
A teoria de Henri Wallon.....	73
Histórico de Wallon.....	73
Afeto e construção do conhecimento em Wallon.....	74
O afeto no processo de aprendizagem.....	76
Relação professor–aluno na sala de aula.....	78

A teoria de Henri Wallon: emoção, movimento e cognição.....	83
O papel do movimento na aprendizagem.....	83
A importância do desenvolvimento do esquema corporal	84
Psicomotricidade Relacional.....	85
O olhar de Wallon sobre o desenvolvimento psicomotor.....	86
Emília Ferreiro e a Psicogênese da língua escrita.....	91
História pessoal	91
As hipóteses infantis no processo de leitura	93
E as cartilhas?.....	94
A alfabetização	95
A aprendizagem segundo o método montessoriano.....	99
História pessoal	99
A pedagogia montessoriana.....	100
O material criado por Montessori	101
Cèlestin Freinet e o método natural	105
História pessoal	105
O vínculo de Freinet com a Educação.....	106
O método natural.....	107
A Educação pelo trabalho.....	109
A avaliação na pedagogia de Freinet.....	110
A pedagogia libertadora de Paulo Freire.....	111
História pessoal	111
A Educação segundo Paulo Freire.....	112
O método Paulo Freire	114
Uma pedagogia da esperança	115
Madalena Freire e a aprendizagem profissional.....	119
História pessoal	119
O vínculo de Madalena Freire com a Educação	119
O legado de Paulo Freire.....	120
A questão da cooperação.....	120
A prática educativa segundo Madalena Freire	121
Principais publicações de Madalena Freire.....	121
Bruner e a aprendizagem em espiral	125
História pessoal	125
A aprendizagem segundo Bruner	127
A aprendizagem em espiral	128
Características do ensino.....	129
O papel do professor	131
Ausubel e a aprendizagem significativa	133
História pessoal	133
A aprendizagem segundo Ausubel	133
A aprendizagem significativa	134
O papel do professor na teoria de Ausubel.....	137
Howard Gardner e a Teoria das Múltiplas Inteligências.....	141
História pessoal	141
Compreendendo a teoria	141
Tipos de inteligência	142
Inteligências múltiplas e Educação	146

Philippe Perrenoud e a Teoria das Competências	149
História pessoal	149
Compreendendo a noção de competência	150
A pedagogia das competências.....	151
O currículo escolar baseado nas competências	153
A avaliação escolar sob a óptica da competência	154
Teorias da aprendizagem e a formação de professores	157
Os cursos de formação de professores: breve contextualização	157
O problema do fracasso escolar	158
Formação de professores e inclusão: um diálogo possível?.....	161
Didática: base da aprendizagem ou método ultrapassado?	165
Compreendendo a didática	165
Mas, para que serve a didática?.....	166
A didática tradicional	166
A didática crítica ou didática moderna.....	170
A necessidade de planejar	171
A formação do professor e a prática pedagógica	175
Contextualizando a formação do professor	175
Formação continuada: realidade ou utopia?.....	176
O que diz a legislação	178
A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996	179
Ser professor.....	180
As condições de aprendizagem	180
Tendências e práticas pedagógicas: a mesma coisa?.....	181
As teorias comportamentalistas da aprendizagem	189
Compreendendo as idéias behavioristas.....	190
O relacionamento professor–aluno numa perspectiva behaviorista.....	193
Referências.....	197

Apresentação

É com muito prazer que inicio este módulo! A partir de agora, entraremos em contato com as teorias e os teóricos da aprendizagem e do desenvolvimento humano.

Apesar do extenso conteúdo, vocês perceberão já ter conhecimento sobre aprendizagem, pois, de uma forma ou de outra, somos colocados em contato com essas teorias desde que ingressamos na escola. Portanto, seja como aluno ou como professor, as discussões em torno da aprendizagem estão sempre presentes em nossas vidas.

O material que vocês têm em mãos agora foi elaborado buscando facilitar a compreensão do que é exposto nas videoaulas, bem como contribuir com mais algumas informações que enriqueçam seus estudos.

Serão apresentados teorias e autores. Alguns, já bastante conhecidos como Jean Piaget, e outros nem tanto, como David Ausubel. Autores que nos fazem refletir sobre outras possibilidades, que não apenas os métodos convencionais de ensino, na relação do ensinar e aprender.

Em outros momentos, falaremos um pouco sobre História da Educação. Por mais que pareça que este módulo não tenha relação com os conteúdos de História, veremos que ao longo do século XX tivemos muitas transformações nas práticas pedagógicas relacionadas com os movimentos políticos e sociais em prol da Educação.

Falaremos também da relação primordial e que começamos a construir nesse momento: a relação entre professores e alunos. Relação essa que serve de base para que possamos construir também uma boa relação de ensino-aprendizagem.

As referências utilizadas pretendem ser, mais que um suporte, um estímulo para os futuros estudos que serão agora iniciados por vocês. Então, que sejamos, mais uma vez, guiados pelo mundo da Educação e da aprendizagem! Bons estudos para todos. Um grande abraço.

Valéria da Hora Bessa

A teoria de Jean Piaget

[...] desde o início eu estava convencido de que o problema das relações entre organismo e meio colocava-se também no domínio do conhecimento, aparecendo então como um problema das relações entre o sujeito atuante e o pensante e os objetos da experiência. Apresentava-se a mim a ocasião de estudar esse problema em termos de psicogênese.

Piaget

História pessoal

Jean Piaget nasceu em Neuchatel, Suíça, em 1896. Formou-se em Biologia pela Universidade de Neuchatel e lançou seu primeiro livro, *A linguagem e o pensamento da criança*, em 1923. Em 1925 começou a lecionar Psicologia, História da Ciência e Sociologia.

O fato de ter se formado em Biologia, antes de cursar Psicologia, exerce grande influência em sua teoria, uma vez que sua explicação para o processo de evolução da inteligência é baseada na comparação com o processo de desenvolvimento biológico humano. Segundo Piaget (2004, p. 13),

[...] o desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na idade adulta, é comparável ao crescimento orgânico: como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio. Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável – caracterizado pela conclusão do crescimento e pela maturidade dos órgãos –, também a vida mental pode ser considerada como evoluindo na direção de uma forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto.

A teoria piagetiana é classificada como interacionista, uma vez que entende o processo de aquisição de conhecimento como derivado das múltiplas interações realizadas pelo sujeito com os objetos do meio no qual está inserido. Outro fator importante na biografia de Piaget está na curiosa situação de ter submetido suas próprias filhas às suas experiências, ou seja, Piaget utilizou suas filhas como objeto de observação e estudo para suas pesquisas sobre desenvolvimento da inteligência humana.

Passemos, então, à teoria de Jean Piaget.

A Epistemologia Genética

A teoria de Jean Piaget é chamada por ele de Epistemologia Genética ou teoria psicogênética, mas é mais conhecida como concepção construtivista da formação da inteligência, ou apenas Construtivismo. Vejamos por quê.

O termo epistemologia significa estudo do conhecimento. Epistemo vem de *episteme*, que significa conhecimento e *logia*, significa estudo; assim temos *estudo do conhecimento*.

Já o termo *genética*, em Piaget, não está relacionado, como tendemos a pensar, aos modelos hereditários, de transmissão de conteúdo genético de pais para filhos. O termo *genética* em sua teoria significa *origem*, pois vem da palavra *gênese*.

Dessa forma temos:

epistemo/logia genética
conhecimento/estudo origem

De onde deriva nossa compreensão de que o termo cunhado por Piaget significa: estudo da origem do conhecimento. Saber isso facilita o entendimento da proposta piagetiana sobre o desenvolvimento da inteligência humana, pois, se Piaget tinha como proposta estudar a origem do conhecimento humano, fica fácil entendermos porque ele vai buscar as respostas às suas questões nas crianças.

Assim, em sua teoria, Piaget procura explicar como o indivíduo, desde o seu nascimento até sua fase adulta, constrói o conhecimento. Pelo fato de ser a construção do conhecimento o processo sobre o qual Piaget lança seu olhar durante suas pesquisas, apelidou-se sua teoria de Construtivismo e a prática pedagógica baseada na teoria de Piaget de construtivista.

Mas, como ocorre a aprendizagem?

Foi essa justamente a pergunta que Piaget se fez e que deu origem a todo um conjunto de explicações utilizadas até hoje por psicólogos, pais e professores. Vale lembrar que Piaget não era educador e sim psicólogo e que quando construiu sua teoria não tinha como intenção uma proposta pedagógica, mas uma explicação psicológica do desenvolvimento da inteligência humana. É a Pedagogia e seus profissionais que se apropriam dos conhecimentos difundidos por Piaget, levando-os para o interior das escolas e de lá para as casas de famílias do mundo inteiro.

Dito isso, pergunto a vocês: como aprendemos? Quais são os processos mentais que ocorrem enquanto aprendemos?

Para responder essas e outras questões, Piaget chegou à conclusão de que aprendemos a partir da ação dos sujeitos sobre os objetos, em que o sujeito é sempre aquele que vai em busca do conhecimento; o objeto é sempre aquilo que se deseja conhecer e a ação exercida pelo sujeito sobre o objeto é sempre uma interação.

Se pudéssemos definir esse processo em uma fórmula, ela seria mais ou menos assim:

$$\begin{array}{c} \text{AÇÃO} \\ \text{S} \rightarrow \text{O} \end{array}$$

Essa ação do sujeito sobre o objeto na busca do conhecimento é, para Piaget, um processo que não pára de acontecer e que contém em seu interior um outro processo contínuo denominado de equilíbrio majorante.

A equilibração majorante

Se pudéssemos examinar com uma lupa a ação de um aprendiz sobre o objeto a ser conhecido por ele, enxergaríamos, na interação entre eles, o processo de equilibração majorante.

O processo de equilibração majorante compreende as seguintes etapas constitutivas do ato de aprender: *desequilíbrio*, *assimilação*, *acomodação* e *equilíbrio*. Assim, a equilibração majorante pode ser definida como o processo pelo qual o sujeito passa de um estágio de menor conhecimento a um estágio de maior conhecimento, indo do *desequilíbrio* ao *equilíbrio* por meio de *assimilações* e *acomodações* constantes.

Segundo Piaget, o que nos motiva para a aprendizagem são os problemas cotidianos, os fatores desafiantes, os conflitos intelectuais, ou seja, os *desequilíbrios* constantes que ocorrem entre o que conhecemos e o que ainda existe a ser conhecido. Dessa forma, estamos em *desequilíbrio* no processo de aprendizagem quando o conhecimento que temos sobre algo é menor que o conhecimento contido no objeto a ser conhecido.

Se pudéssemos colocar numa balança o conhecimento que tenho sobre informática e o conhecimento sobre informática contido no objeto computador, poderíamos dizer que estou em *desequilíbrio* com o computador, uma vez que nele estão contidos muito mais conhecimentos sobre informática que os que eu possuo até agora.

Cabe a mim, aprendiz, extrair do objeto computador as informações que desejo. Para tanto, preciso buscar essas informações, preciso agir sobre o objeto a ser conhecido (o computador), preciso interagir com ele. A esse processo de busca ou extração de conhecimento dos objetos a serem conhecidos, Piaget chamou de *assimilação*.

Assimilação é a responsável por levar até os esquemas cognitivos (esquemas prévios de aprendizagem do sujeito) as novas informações extraídas do objeto que se está conhecendo, produzindo uma modificação e uma reorganização nos esquemas de conhecer do sujeito, ao que Piaget chama de *acomodação*.

Assim, se antes eu só sabia usar o *Word* no computador, após exploração a partir da interação que faço com o objeto computador, extraí informações sobre o uso do *PowerPoint* e sou capaz agora de utilizar os dois programas. Mas, para usar o *PowerPoint* utilizei os conhecimentos que tinha sobre o *Word* e foi a partir desse conhecimento prévio que já possuía que fui capaz de assimilar, ou melhor, extrair informações do objeto computador sobre o *PowerPoint*.

Estamos equilibrados com o objeto quando ele não mais nos traz dúvidas, quando aquilo que desejamos conhecer já foi compreendido por nós, o que não significa dizer que estamos equilibrados com o objeto como um todo, pois podemos já compreender completamente o uso do *Word* e do *PowerPoint*, mas ainda estarmos em *desequilíbrio* em relação ao uso do *Excel*. Por outro lado, já poderemos dizer que saímos de um estágio de menor conhecimento (de quando só sabíamos utilizar o *Word*) para um estágio de maior conhecimento (pois já sabemos utilizar o *Word* e o *PowerPoint*).

É esse processo dinâmico conhecido como equilibração majorante, então, o responsável por nos levar de um estágio de menor conhecimento para outro seguinte de maior conhecimento. Esses estágios, aos quais se refere Piaget, foram estudados a fundo pelo teórico a fim de compreender o que caracteriza cada evolução da inteligência do ser humano durante o seu processo de evolução biológica, ou seja, durante o seu processo de evolução maturacional ou crescimento.

Levando isso para a sala de aula percebemos que o aluno só adquire o conhecimento na medida em que ele é motivado e que se posiciona de modo ativo diante do conteúdo, pois sem vontade nem iniciativa para desvendar ou descobrir, não há conhecimento. A escola faz o papel de abrir caminhos para que a criança e o jovem entrem em contato com o mundo, de modo participativo e construtivo. O desenvolvimento intelectual envolve a passagem do indivíduo por quatro grandes períodos, separados por marcos cronológicos, porém é impossível afirmar, sem um exame apurado, quando essa transição está ocorrendo em determinado indivíduo. Isso significa dizer que, para Piaget, esses estágios ou etapas não são fixos, ou seja, não significa que porque uma criança atingiu os dois anos de idade que necessariamente ela vai passar para o estágio pré-operatório. O que define essa transição é a modificação da lógica intelectual demonstrada pela criança em cada etapa, o que depende diretamente dos estímulos oferecidos pelo meio à criança.

Os estágios de desenvolvimento

São quatro os estágios de desenvolvimento propostos por Piaget: estágio sensório-motor, estágio pré-operatório, estágio operatório-concreto e estágio operatório-formal ou lógico-formal, que representam o desenvolvimento mental humano desde o nascimento até a fase adulta.

O estágio sensório-motor (0–2 anos)

Costumamos dizer que nesse estágio o bebê conhece o mundo por meio dos seus sentidos e de seus atos motores, que são inicialmente involuntários, ou seja, é a partir de reflexos neurológicos básicos que o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio. A inteligência é prática. As noções de espaço e tempo são construídas pela ação. O contato com o meio é direto e imediato, sem representação mental ou pensamento. A relação mãe-bebê é simbiótica (interdependente) e a fala é simbólica.

O estágio pré-operatório (2–7 anos)

Caracteriza-se pela interiorização de esquemas de ação construídos no estágio anterior. Tais esquemas de ação são conseguidos por meio das seqüências de assimilações e acomodações que vão sendo realizadas pelas crianças durante suas múltiplas interações com o meio. Esse período é conhecido também como a idade da curiosidade, onde a criança pergunta o tempo todo. Essa curiosidade é despertada com a o desenvolvimento da fala e com o desenvolvimento paralelo da capacidade de realização de representações mentais.

Além disso, a criança nesse estágio é egocêntrica (percebe-se como o centro das ações e seu pensamento continua centrado no seu próprio ponto de vista), não aceita fatos sem explicação (fase dos porquês), já age por simulação, possui percepção global, deixa-se levar pela aparência sem relacionar fatos, distingue a fantasia do real, podendo dramatizar a fantasia sem que acredite nela.

Apesar disso, a criança nesse estágio ainda não é capaz de operar mentalmente uma ação complexa que exija dela a capacidade de reversibilidade, ou seja, ainda não é capaz de realizar mentalmente uma ação em seu caminho de ida e de volta. Por exemplo, a criança é capaz de compreender que: $2+1=3$ e que $3-2=1$, mas não compreende que tais operações fazem parte de uma mesma equação num caminho de ida e de volta.

Estágio operatório-concreto (7–12 anos)

A criança desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem, casualidade, já sendo capaz de relacionar diferentes aspectos e abstrair dados da realidade. Não se limita a uma representação imediata, mas ainda depende do modo concreto para chegar à abstração.

Desenvolve a capacidade de representar uma ação no sentido inverso de uma anterior anulando a transformação observada (reversibilidade). É justamente a capacidade de operar uma ação em seu caminho de ida e volta (o que configura a reversibilidade), que marca a passagem do estágio pré-operatório para o estágio operatório-concreto.

Estágio operatório-formal ou lógico-formal (12 anos em diante)

A representação agora permite a abstração total. A criança não se limita mais à representação imediata nem somente às relações previamente existentes, mas é capaz de pensar em todas as relações possíveis logicamente, buscando a partir da hipótese e não apenas pela observação da realidade. Nessa fase a criança aplica o raciocínio lógico nos problemas. Além disso, outro fator relevante é a atuação autônoma do sujeito e a capacidade de agir tanto independente e mentalmente quanto fisicamente.

A contribuição de Piaget para a Pedagogia

A contribuição de Piaget para Pedagogia tem sido, até hoje, inestimável, sobretudo devido às indicações sobre os estágios adequados para serem ensinados determinados conteúdos às crianças, sem desrespeitar suas reais possibilidades mentais, ou seja, de acordo com o seu desenvolvimento intelectual e afetivo.

Inicialmente, Piaget trabalhou com dois psicólogos franceses, Alfred Binet e Théodore Simon, que por volta de 1905 tentavam elaborar um instrumento para medir a inteligência das crianças que freqüentavam as escolas francesas.

Piaget concebeu, então, que a criança possui uma lógica de funcionamento mental que difere – qualitativamente – da lógica do funcionamento mental do adulto.

São quatro os fatores básicos responsáveis pela passagem de uma etapa de desenvolvimento mental para a seguinte – a maturidade e o sistema nervoso, a interação social, a experiência física com objetos e, principalmente, a equilíbrio. A maturidade e o sistema nervoso, porque dizem respeito ao amadurecimento das estruturas biológicas necessárias para a realização da aprendizagem (esquemas cognitivos); a interação social, por ser necessária para que possamos desfazer o egocentrismo e percebermos o outro nas nossas relações, além disso, as interações sociais também contribuem para a compreensão das regras sociais; a experiência física, por ser justamente por meio das ações do sujeito sobre os objetos que se processa a aprendizagem; e a equilíbrio, por ser o processo regulador da aprendizagem.

O fator de menor peso na teoria piagetiana é a interação social. Dessa maneira a educação tem, no entender de Piaget, um impacto reduzido sobre o desenvolvimento intelectual. Desenvolvimento cognitivo e aprendizagem não se confundem: o primeiro é um processo espontâneo, que se apóia predominantemente no biológico. Aprendizagem, por outro lado, é encarada como um processo mais restrito, causado por situações específicas e subordinado tanto à equilíbrio quanto à maturação.

Com isso, podemos afirmar que, para Piaget, a construção do conhecimento é um processo ativo do homem que tem seu fim apenas quando finda a vida, pois o ser humano, curioso por natureza, cede aos constantes desafios apresentados a ele e busca, incessantemente conhecer mais.

TEXTO COMPLEMENTAR

(LOPES, 2006)

Jean Piaget foi um daqueles meninos que os professores de hoje identificariam como um superdotado. Ou que os colegas de classe chamariam de CDF. Precoce, com apenas 10 anos publicou em Neuchatel, sua cidade natal, na Suíça, um artigo com estudos sobre um pardal branco. Aos 22, já era doutor em Biologia. Intelectualmente insaciável, escreveria cerca de setenta livros e 300 artigos sobre Psicologia, Pedagogia e Filosofia. O próprio lar de Piaget foi uma espécie de extensão da universidade. Casou-se com uma assistente e desvendou muitos dos enigmas da inteligência infantil dentro de casa, observando os próprios filhos. Concluiu que a criança tem uma forma própria e ativa de raciocinar e de aprender, que evolui, por estágios, até a maturidade intelectual. Não é um adulto em miniatura. Seus erros apenas caracterizam essa forma particular de pensar.

A celebridade de Piaget e sua importância para a educação vêm exatamente desses estudos. Já nos anos 20, pedagogias inovadoras encontraram em sua obra a sustentação científica que lhes faltava. “Destacando o papel ativo da criança no aprendizado, seus trabalhos deram base aos educadores da Escola Nova”, explica Lino de Macedo, especialista piagetiano da Universidade de São Paulo (USP). A Escola Nova era um movimento de educadores europeus e norte-americanos que contestava a passividade a que a criança estava condenada pela escola tradicional. “Piaget

defendeu principalmente a Escola Ativa”, comenta o psicólogo Mário Sérgio Vasconcelos, da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). A Escola Ativa era uma corrente da Escola Nova à qual se alinhava, por exemplo, o pedagogo Célestin Freinet. “Foi só em 1936”, diz Mário Sérgio, “que Piaget chegou ao meio educacional brasileiro, com o texto *O trabalho por equipes nas Escolas: bases psicológicas*, traduzido pelo professor paulista Luiz Fleury.” Foi preciso quase meio século, contudo, para que sua influência se fizesse sentir mais amplamente no ensino básico brasileiro – e de maneira nem sempre percebida com clareza. É que as idéias de Piaget vêm entrando nas nossas escolas sob o nome de construtivismo. E muita gente associa o termo apenas à psicóloga argentina Emília Ferreiro, a grande divulgadora dessa linha educacional no Brasil desde o início dos anos 80. Acontece que Emília é Piaget puro. Por isso, falar em Construtivismo é falar principalmente em Piaget.

O impacto mais forte recebido pela escola básica neste século não partiu de um educador. Foi obra de um psicólogo, o suíço Jean Piaget. Piaget dedicou a vida a estudar as engrenagens da inteligência, do nascimento à maturidade do ser humano. Decifrou sucessivos degraus na evolução do raciocínio. Não empregou as descobertas para propor novos métodos de ensino, mas batalhou pela educação em organismos internacionais e não fugiu de tomar partido em disputas pedagógicas. Suas pesquisas tiveram efeitos profundos no progresso da educação. Já nos anos 1920, deram aval teórico a pedagogos inovadores, entre eles o francês Célestin Freinet. Hoje, sua obra continua viva. É a matriz do Construtivismo, linha educativa em expansão no Brasil.

ATIVIDADES

Individual

Procure saber na Secretaria de Educação se em sua cidade existem escolas construtivistas, de preferência que se baseiem na teoria de Jean Piaget.

Em grupo

Se a resposta à busca for positiva, em pequenos grupos, organizem uma visita às escolas encontradas e entrevistem os educadores, procurando saber de que forma é realizado o trabalho pedagógico com base na teoria de Jean Piaget.

DICAS DE ESTUDO

Para conhecer um pouco mais sobre a teoria de Jean Piaget, uma boa dica são os vídeos produzidos pela Multieducação sobre o teórico, com entrevistas e relatos de experiência. Outra dica, para quem não tem acesso ao Multieducação, é o documentário francês *Ser e Ter (Être e avoir* – Nicolas Philibert – França, 2002).

